

Decomposição do Spread Bancário no Brasil: Uma análise do período recente

Henrique O. Massena Reis Júnior^{*}, Luiz Fernando de Paula^{**} e Rodrigo Mendes Leal^{***}

Resumo: O objetivo deste artigo é avaliar a estrutura do spread bancário ex-post no Brasil, no período 2000-2008, usando o método de decomposição contábil, e levando em conta as especificidades dos diferentes segmentos de bancos (grandes bancos varejistas, bancos varejistas públicos e bancos especializados em crédito), definidos considerando características como tamanho, tipo de negócio e clientela, característica do funding, etc., e ainda o controle de capital (público, privado nacional e estrangeiro). Esta segmentação do setor bancário permite avaliar a evolução do spread e sua decomposição, assim como comparar os diferentes segmentos do mercado bancário no Brasil.

Palavras-chave: spread bancário, crédito, setor bancário brasileiro

Abstract: The main objective of this paper is assessing the structure of ex-post bank spread in Brazil during 2000-2008 period, using the method of accounting decomposition, and focusing in particular on the different segments of banking sector (big retail banks, public retail banks and credit specialized banks), that are defined according to some features, as size, type of business and clients, characteristics of funding, etc., and also shareholding control (state-owner banks, private domestic banks and foreign banks). The segmentation of the banking sector that is done in this paper allows to assess the evolution of bank spread and its accounting decomposition, as well as to compare the different segments of the banking market in Brazil.

Key-words: banking spread, credit, Brazilian banking sector

JEL Classification: G2, G21, G14

Área 3 - Macroeconomia, economia monetária e finanças

* Mestrando em Ciências Econômicas - PPGCE/UERJ. Email: kikoag82@yahoo.com.br

** Professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCE/UERJ) e Pesquisador do CNPq. Email: luizfpaula@terra.com.br

*** Economista do BNDES e doutorando do Programa de Políticas Públicas, Estratégia e Desenvolvimento do IE/UFRJ. Mestre em Economia pelo PPGCE/UERJ. E-mail: rmendesleal@gmail.com

1. Introdução

O spread bancário é uma medida do custo de intermediação financeira utilizada internacionalmente como indicador de sua eficiência (WORLD BANK e IMF, 2005). Essa medida é definida de forma geral como a diferença entre os valores que o banco cobra dos tomadores de empréstimo e os valores que o banco remunera os depositantes (BROCK e ROJAS-SUAREZ, 2000). A utilização dessa definição abrangente tem como objetivo possibilitar uma ampla análise do que o spread bancário representa e de suas diferentes medidas na literatura empírica.

Sobre a interpretação do spread bancário, cabe destacar que maior spread bancário não implica necessariamente maior lucro, pois o lucro é o que sobra do spread bancário após a subtração dos custos da operação bancária, quais sejam: despesas administrativas, tributárias e de inadimplência (COSTA e NAKANE, 2005a).

Considerando que a literatura empírica sobre spread bancário apresenta focos analíticos diferenciados, DICK (1999) propõe uma tipologia da abordagem metodológica dos estudos: evolução, estrutura e determinantes. A abordagem da *evolução* compreende a análise do comportamento desta variável ao longo do tempo. A segunda abordagem, a da *estrutura*, constitui a análise dos componentes de destino (despesas ou resultado líquido) que o banco direciona o spread bancário. A abordagem dos *determinantes*, por sua vez, analisa em que medida a variação dos fatores explicativos do spread afeta seu comportamento, normalmente por meio de estimativas econométricas.

Além da importância da abordagem metodológica, LEAL (2006) mostra que as especificidades de medida do spread bancário podem influenciar os resultados, e propõe uma tipologia que considera três categorias da medida, referentes a: origem da informação (ex-ante ou ex-post), abrangência da amostra (de modalidades e de bancos) e tipo de conteúdo (com ou sem receitas de serviços). O aspecto de maior destaque é a origem da informação, pois o spread bancário pode ser calculado por meio de: i) informações ex-ante, de acordo com as taxas (preços) estabelecidas pelos bancos, ou ii) informações ex-post, de acordo com o resultado (contábil) efetivamente realizado dos bancos (DEMIRGUÇ-KUNT e HUIZINGA, 1999). Em segundo lugar, é importante identificar a abrangência da amostra de bancos, tendo em vista que o indicador geral consiste na agregação de informações de diversas modalidades de crédito¹ e diversos bancos² (NAKANE e COSTA, 2005a). Em terceiro lugar, quanto ao conteúdo da medida, deve ser observada a definição das taxas de receita e de despesa de intermediação financeira, que podem considerar ou não as tarifas e comissões cobradas pelos bancos aos depositantes e tomadores de empréstimos (BROCK e ROJAS-SUAREZ, 2000)³.

¹ Para uma análise da evolução diferenciada das taxas de empréstimos por modalidade no Brasil, ver PAULA e LEAL (2006).

² BROCK e ROJAS-SUAREZ (2000) apresentam evidências de significativa heterogeneidade entre os bancos para a Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia e Peru; e sugerem que pode ser enganoso o foco em agregados para entender o comportamento do spread.

³ BROCK e ROJAS-SUAREZ (2000) argumentam que estas cobranças fazem parte do custo de intermediação financeira, pois efetivamente aumentam o custo dos tomadores de crédito e diminuem a remuneração recebida pelos depositantes.

O Brasil apresenta elevados spreads bancários em relação aos padrões mundiais (SINGH et al, 2005; PAULA e LEAL, 2006), que contribuem para a combinação desfavorável de baixa relação crédito / PIB e de altas taxas de juros das operações de crédito no país, constituindo restrição à obtenção de crédito⁴ e, por consequência, ao crescimento econômico do país⁵. No país, o spread bancário é objeto de extensa e diversificada literatura, tendo sido realizada por LEAL (2006 e 2007) uma análise comparativa dos estudos empíricos sobre sua estrutura e determinantes.

Esta problemática motivou, a partir de 1999, o projeto de redução de juros e spread bancário do Banco Central do Brasil (doravante BCB), com a divulgação de relatórios anuais analisando a evolução, a estrutura e os determinantes do spread bancário (ex-ante), além da proposição e avaliação de uma série de medidas para sua redução. Já a literatura sobre o spread ex-post é mais escassa, contendo alguns estudos na literatura nacional sobre sua evolução (MATIAS, 2006), estrutura (FIPECAFI, 2004 e 2005; MATIAS, 2006) e determinantes (GUIMARÃES, 2002).

O objetivo principal deste artigo é avaliar a estrutura do spread bancário ex-post (contábil) no Brasil, no período 2000-2008, efinidos considerando características como tamanho, tipo de negócio e clientela, característica do funding, etc., e ainda o controle de capital (público, privado nacional e estrangeiro) Em particular, a presente análise está relacionada à duas questões específicas: i) As estimativas de decomposição do spread bancário ex-ante do BCB são corroboradas pelos resultados encontrados para o spread ex-post?; ii) Que tipo de diferenciação na decomposição do spread bancário há para os diferentes segmentos de bancos no Brasil?

A contribuição desta pesquisa em relação à literatura do spread bancário no Brasil se dá em duas dimensões. A primeira, mais geral, consiste na avaliação da estrutura do spread ex-post para um período e uma amostra de bancos mais abrangente, em relação a MATIAS (2006) e FIPECAFI (2005 e 2006), possibilitando maior comparabilidade com a decomposição do spread ex-ante estimada pelo BCB. A segunda, mais específica, é a avaliação das especificidades da decomposição do spread bancário entre os diferentes tipos de bancos, motivado por algumas evidências da literatura nacional, como COSTA e NAKANE (2005a), que apontam, com dados de dezembro de 2002, que os bancos privados (especialmente os grandes) possuem, em relação aos bancos públicos, menor participação dos componentes despesas administrativas e inadimplência, bem como maior participação do componente resíduo do banco.

O artigo está dividido em quatro seções, além desta introdução. A seção 2 efetua uma revisão na resenha comparativa sobre estrutura e decomposição do spread bancário no Brasil. A seção 3 detalha a metodologia utilizada na pesquisa empírica, ou seja, o método de decomposição contábil do spread bancário e a amostra utilizada. A seção 3, por sua vez,

⁴ SINGH et al (2005) apresentam evidências de que a relação crédito dos bancos comerciais / PIB no Brasil em 2003 era significativamente inferior à de diversos países sul-americanos e desenvolvidos.

⁵ Há significativos indícios na literatura internacional (Levine, 2004) e nacional (Matos, 2002) da existência de uma relação positiva do desenvolvimento do sistema financeiro com o crescimento econômico.

análise a decomposição do spread bancário no Brasil no período 2000-2008. Por fim, a seção 5 conclui o artigo.

2. Revisão da literatura sobre estrutura do spread bancário

2.1. Decomposição do spread bancário ex-ante

O Relatório mais recente do BCB (2007) para decomposição do spread bancário ex-ante para operações pré-fixadas utiliza a mesma metodologia de BCB (2005), que aprimorou a metodologia de cálculo das despesas administrativas⁶ e de inadimplência⁷. É ressaltado que, em função da utilização de um modelo estatístico para o cálculo da participação das despesas administrativas, o acréscimo de novas informações à base de dados implica a revisão desse componente para toda a série (BCB, 2005, p.12). Também é destacado que o resíduo líquido é uma medida imperfeita da margem do banco, uma vez que incorpora todos os erros e omissões da estimativa (como a não inclusão no cálculo dos subsídios cruzados da aplicação compulsória de recursos em crédito rural e habitacional).

Quadro 1 – Literatura sobre a estrutura do spread bancário ex-ante no Brasil

Estudo	Período	N. Bancos	Evolução do Método	Maiores componentes (trajetória no período)
BCB (1999)	ago/1994 a jul/1999	17	Pioneiro	Administrativo (-); Margem líquida (+); Inadimplência (-,+); Impostos diretos (-)
BCB (2000, 2001, 2002 e 2003)	fev/1999 a ago/2003	17	Melhora qualidade dos dados	Margem líquida (+); Impostos diretos (+,-); Administrativa (-); Inadimplência (-,+)
BCB (2004)	2000 a 2003	cerca de 80	Melhora alocação de custo e inclui compulsório	Administrativo (-); Margem líquida (+); Inadimplência (-,+); Impostos diretos (+,-); Impostos indiretos (-,+)
COSTA e NAKANE (2005b)	dez/2001	50	Inclui subsídio cruzado	Inadimplência; Administrativo; Margem líquida
BCB (2005)	dez/2001 a dez/2004	cerca de 80	Melhora alocação de custo e o cálculo da inadimplência	Inadimplência (+); Administrativo (+); Margem líquida (+,-); Impostos diretos (-); Impostos indiretos (+)
BCB (2006 e 2007)	2001 a 2007	cerca de 80	Idem	Inadimplência (+); Margem líquida (+,-); Administrativo (+,-); Impostos diretos (-); Impostos indiretos (+)

Fonte: Elaboração própria, com base em LEAL (2006) e BCB (2006 e 2007).

Nota: Os componentes do spread são apresentados na ordem de participação. Legenda da trajetória da participação: crescimento (+), diminuição (-).

⁶ O aperfeiçoamento da alocação dos custos administrativos é realizado através da alteração do parâmetro de preço de capital da função custo. (BCB, 2005, p.18).

⁷ De acordo com a Resolução 2.682/1999. O cálculo da inadimplência passa a ser definido com base nas regras de provisionamento do BCB, ou seja, passa a ser calculada com base nas classificações de risco das carteiras de empréstimos dos bancos e suas respectivas provisões mínimas. Destas provisões, 20% são considerados como perdas, para efeito do cálculo do componente inadimplência. No relatório, é avaliado que a medida de inadimplência ganha precisão, ao considerar uma medida de risco de crédito percebido pelo banco no momento da precificação dos empréstimos (BCB, 2005, p.18).

Dos resultados do spread ex-ante até 2006, conforme ilustrado no Quadro 1, pode-se destacar que:

i) a decomposição do spread ex-ante do conjunto de 17 grandes bancos privados, de 1994 a 2003, apresentou significativa redução da participação do custo administrativo, que era o componente mais importante, e aumento da participação margem líquida, que passou a ser o maior componente do spread ex-ante. (BCB, 1999, 2000, 2001, 2002 e 2003).

ii) No período entre 2000 e 2004 destacaram-se como principais componentes do spread ex-ante a provisão de inadimplência, a margem líquida e as despesas administrativas (BCB, 2004 e 2005). Ao comparar estes resultados com as estimativas dos períodos anteriores, observa-se que a ampliação da amostra e o aperfeiçoamento da medida de inadimplência resultaram no aumento da importância desta variável, que passou a ter destaque junto com as duas outras já consideradas nas estimativas do período anterior (margem líquida e despesas administrativas).

Sobre os resultados mais recentes, conforme ilustrado na Tabela 1, o relatório BCB (2007) apresenta algumas explicações, na ordem de maior importância dos componentes: i) a inadimplência, com tendência de crescimento e pico em 2006, reflete o maior volume de crédito em atraso verificado nesse ano (BCB, 2006, p.12); ii) o resíduo líquido, com tendência de redução nos últimos anos, que sugere que os bancos vêm transferindo para os tomadores de crédito parte de sua redução no custo de intermediação; iii) o custo administrativo, que vem apresentando uma tendência de redução desde 2005, possivelmente relacionado a ganhos de escala associados ao crescimento do crédito.

Tabela 1 - Estrutura do spread bancário ex-ante (BCB, 2007)

Componentes	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Custo Administrativo	13,2	15,0	11,8	14,2	15,5	12,4	13,5
Inadimplência	32,4	32,2	32,0	34,7	36,1	38,3	37,4
Custo do Compulsório	5,3	15,1	4,8	6,5	5,0	3,4	3,6
Impostos indiretos e FGC	6,9	7,8	7,1	7,6	8,1	7,7	8,1
Impostos diretos	14,1	11,5	13,4	11,0	9,9	10,1	10,5
Resíduo líquido	28,1	18,4	31,0	26,1	25,4	28,2	26,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Spread Bancário em pontos percentuais	40,0	42,5	41,5	35,6	36,4	34,8	28,4

Fonte: Elaboração própria, com base em BCB (2007, p. 12).

2.2. Decomposição do spread bancário ex-post

A FIPECAFI (2004) desenvolveu, sob encomenda da FEBRABAN, um modelo de apuração da estrutura do spread bancário com base nas demonstrações contábeis dos bancos, considerando na amostra bancos públicos, privados nacionais e privados estrangeiros, de diferentes portes (grande, médio e pequeno)⁸. FIPECAFI (2004) sugere

⁸ Foram objeto do estudo seis modalidades pessoa física (crédito pessoal, cheque especial, CDC veículos, CDC geral, empréstimo em folha de pagamento e crédito rural) e sete modalidades pessoa jurídica (descontos de duplicatas e cheques, operações de hot money, empréstimo de capital de giro, conta garantida, crédito

três categorias de spread: i) bruto, que são as receitas financeiras deduzidas somente das despesas financeiras de captação; ii) direto, após excluir do spread bruto as outras despesas diretamente identificáveis com os produtos; e iii) líquido, obtido através do spread direto menos as despesas indiretas apropriadas e os impostos sobre os lucros. Adicionalmente, a metodologia considera, despesa de captação associada ao volume de empréstimos (volume médio multiplicado pelo CDI médio), líquida dos resultados da captação.

FIPECAFI (2005) estima a decomposição do spread através metodologia similar à de FIPECAFI (2004), com dados do primeiro semestre de 2005 e ampliação da amostra, acrescentando mais três bancos além dos oito bancos considerados em FIPECAFI (2004). As comparações entre os resultados dos dois períodos são afetadas também pelo aperfeiçoamento dos critérios de alocação de custos e pela ampliação das modalidades consideradas.

MATIAS (2006) analisa a evolução e decomposição do spread bancário ex-post no Brasil, considerando dados contábeis anuais dos 20 maiores bancos no período de 2001 a 2005. Neste estudo, a receita de intermediação utilizada é mais abrangente que as medidas tradicionalmente utilizadas para o spread, pois considera, além das receitas de crédito, as receitas de operações de tesouraria. Concluindo, o autor argumenta que as propostas para diminuição do risco de inadimplência e dos tributos não são suficientes para resolver o problema do spread no Brasil, pois as diferenças mais significativas dos indicadores nacionais em relação aos internacionais provém das despesas estruturais, que diminuiriam sua participação no spread bancário, mas ainda são seu maior componente, e da taxa de resultado, que se manteve como o segundo maior componente do spread bancário, com participação significativamente crescente.

Tabela 2 – Estrutura do spread bancário ex-post

Componentes	MATIAS (2006)					FIPECAFI	
	2001	2002	2003	2004	2005	2003	2005*
Spread Total (pp)	11,0 pp	11,0 pp	10,9 pp	11,3 pp	12,2 pp	17 pp	7,9 pp
Spread Total (%)	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Despesas operacionais	61,7%	54,8%	53,7%	51,4%	45,9%	45,1%	46,8%
Inadimplência	14,6%	17,8%	13,8%	13,3%	15,8%	32,7%	25,3%
Impostos	8,1%	9,8%	13,4%	13,4%	16,5%	11,3%	13,9%
Resultado	15,6%	17,6%	19,0%	22,0%	21,9%	10,9%	12,7%

Fonte: Elaboração própria, com base em MATIAS (2006) e FIPECAFI (2004 e 2005).

Nota: Dados de FIPECAFI de 2005 são referentes somente ao 1º semestre.

Dos resultados da estrutura do spread ex-post, conforme ilustrado no Quadro 2, pode-se observar que o componente com maior participação são as despesas operacionais. O resultado dos bancos apresenta uma participação mais destacada em MATIAS (2006) do que o spread líquido nos estudos da FIPECAFI (2004 e 2005), o que possivelmente está associado ao fato de que o primeiro considera na medida do spread bancário, além das receitas de intermediação, as receitas de tesouraria e de serviços.

rural, repasse BNDES/FINAME, operações ACC). Os bancos da amostra representavam 58,82% do ativo total do Sistema Financeiro Nacional em dezembro de 2003

Quadro 2 – Literatura sobre a estrutura do spread bancário ex-post no Brasil

Estudo	Período	N. Bancos	Tipo de spread bancário	Método da decomposição	Maiores componentes (trajetória no período)
FIPE CAFI (2004)	2003	8	Spread bruto de intermediação, calculado em relação ao capital emprestado.	Rateio dos custos diretos e considera 13 modalidades	Despesas operacionais; Devedores duvidosos; Spread líquido
FIPE CAFI (2005)	1º sem. / 2005	11		Rateio aperfeiçoado dos custos diretos e considera mais modalidades	Despesas operacionais; Devedores duvidosos; Spread líquido
MATIAS (2006)	2001 a 2005	20	Spread total de intermediação, tesouraria e serviços, calculado em relação ao ativo operacional.	Decomposição tradicional, utilizando despesas em relação ao ativo operacional.	Despesas operacionais (-); Resultado (+); Impostos (+); Devedores duvidosos (+,-)

Fonte: Elaboração própria dos autores.

2.3. Análise comparativa da decomposição do spread ex-ante e ex-post

LEAL (2006) identifica que as metodologias de decomposição do spread apresentam diferenças significativas que influenciam os resultados. Após reconhecer a limitação de comparações dos estudos da estrutura do spread bancário ex-ante e ex-post, ressaltando significativas diferenças metodológicas relacionadas à forma de medição e amostra de bancos; LEAL (2006) destaca as seguintes conclusões:

i) Sem considerar a ordem de importância, os principais componentes da estrutura do spread ex-post são similares ao spread ex-ante, que são as despesas operacionais, a inadimplência e a margem líquida.

ii) O grau de importância dos componentes do spread bancário é significativamente afetado pela metodologia de decomposição: a) para o spread ex-ante, os aprimoramentos metodológicos do BCB resultaram em aumento da importância da inadimplência e diminuição para a margem líquida (COSTA e NAKANE, 2005a e 2005b); b) para o spread ex-post, as adaptações metodológicas incorporaram elementos de despesa e receita que implicam numa medida maior de spread bancário, e podem resultar em maior resíduo do banco.

iii) Em relação à evolução dos componentes ao longo do tempo. Os dados mais recentes da decomposição do spread ex-ante do BCB (2007) apresentam evidências de aumento na participação das despesas de inadimplência; e leve redução nas administrativas e do resíduo do banco. Estes resultados não foram confirmados ao analisar a evolução dos componentes para o spread ex-post no mesmo período em MATIAS (2006), especialmente para a despesa administrativa, que apresentou forte trajetória de redução, e para o resultado líquido do banco, que apresentou forte trajetória de crescimento. Cabe a ressalva das especificidades metodológica de MATIAS (2006), que consideram uma amostra de 20 maiores bancos e inclui as receitas de tesouraria e de serviços no cálculo do spread, que proporciona maior nível para o spread bancário. Esta medida mais abrangente do spread bancário, tende a ser mais elucidativa da atividade bancária como um todo, e por

consequência do desempenho do resultado líquido do banco, mas, ao mesmo tempo, possui limitações para o monitoramento do segmento de crédito livre.

2.4. Características segundo categorias de bancos

Cabe registrar algumas evidências de diferenciação entre categorias de bancos identificadas na literatura nacional. GUIMARÃES (2002) sugere que entre 1995 e 2001 os bancos domésticos privados apresentaram maiores margens e lucros que os bancos estrangeiros, estes com margens e lucros superiores aos bancos domésticos públicos. Especificamente para a estrutura do spread ex-ante, COSTA e NAKANE (2005a), com dados de dezembro de 2002, conforme Tabela 3, indicam que a amostra de bancos privados (e, de forma mais intensa, os grandes bancos privados) possui, em relação aos bancos públicos, menor participação dos componentes despesas administrativas e inadimplência, bem como maior participação do componente resíduo do banco.

Tabela 3 – Estrutura do spread bancário ex-ante (em participação %) – dez/2002

Componentes do Spread Bancário	Grandes bancos privados (17)	Bancos Privados (61)	Bancos Públicos (14)	Amostra Completa (100)
Custo Administrativo	21,12%	22,47%	38,26%	28,34%
Inadimplência	23,03%	25,35%	30,44%	27,31%
Custo do Compulsório	10,66%	9,76%	7,23%	8,31%
Impostos Indiretos + FGC	2,27%	2,28%	2,50%	2,28%
Impostos Diretos	11,35%	10,78%	9,58%	10,29%
Resíduo do Banco	31,56%	29,35%	11,98%	23,47%

Fonte: Elaboração própria, adaptado de COSTA e NAKANE (2005a).

3. Metodologia

3.1. Método de decomposição contábil do spread bancário

DEMIRGUÇ-KUNT e HUIZINGA (1999) analisaram a decomposição do spread bancário ex-post para um conjunto de 7900 bancos de 80 países⁹. A medida de spread ex-post utilizada foi a margem líquida de intermediação (NIM), definida como a razão entre o resultado de intermediação financeira (RI) pelo total do ativo (AT), ou seja, a diferença entre as receitas de intermediação (sobre o total do ativo) e as despesas de intermediação (sobre o total do ativo).

A análise da estrutura do spread bancário tem como base a identidade contábil do lucro, que considera como componentes do lucro após os impostos (ATP): i) o resultado de intermediação financeira (RI), ii) os impostos (IM), iii) os custos administrativos (OV), a iv) provisão para empréstimos de liquidação duvidosa (LLP) e v) a receita extra-juros (ou fora de balanço - NII). Assim, dividindo todos os componentes pelo ativo total (AT), temos:

⁹ A análise de DEMIRGUÇ-KUNT e HUIZINGA (1999) indicou que os maiores bancos apresentaram menores margens, lucros e custos administrativos em relação aos menores bancos.

$$\frac{ATP}{AT} = \frac{RI}{AT} + \frac{NII}{AT} - \frac{OV}{AT} - \frac{LLP}{AT} - \frac{IM}{AT} \quad (1)$$

Ao isolar a razão do resultado de intermediação financeira (II) pelo ativo total (AT), que é exatamente a margem líquida de intermediação (NIM), resulta a equação de decomposição da margem, que é o cálculo da participação percentual de cada um dos seus componentes, conforme segue:

$$NIM = \frac{ATP}{AT} + \frac{OV}{AT} - \frac{NII}{AT} + \frac{LLP}{AT} + \frac{IM}{AT} \quad (2)$$

Observa-se que a medida margem líquida de intermediação não considera as receitas de tarifas ou serviços, e por este motivo, o componente receita extra-juros é subtraído dos componentes do spread.

MATIAS (2006) analisa a decomposição contábil do spread bancário no Brasil, utilizando três medidas do spread:

- i) taxa de spread financeiro (SF), a diferença entre a taxa de aplicação (razão da receita de intermediação sobre o ativo operacional, ou seja, RI / AT) e a taxa de captação (razão da despesa de intermediação líquida da provisão para créditos de liquidação duvidosa sobre o ativo operacional¹⁰, ou seja, DIL / AT);
- ii) taxa de spread total (ST), a soma do spread financeiro (SF) com a taxa de serviços (receita da prestação de serviços dividida pelo ativo operacional, ou seja, RS / AT);
- iii) taxa de resultado da atividade bancária, o spread total (ST) descontado da taxa de inadimplência (provisão de créditos para liquidação duvidosa dividido pelo ativo operacional), da taxa de despesas estruturais (despesa de pessoal e administrativa dividida pelo ativo operacional, ou seja, $DP/AT + DA/AT$) e da taxa de impostos (impostos diretos mais IR e contribuição social, a soma dividida pelo ativo operacional, ou seja, $(ID+IR+CS)/AO$).

Deste modo, o modelo de decomposição contábil de MATIAS (2006) tem como base o seguinte sistema simples de equações para a estimativa do resultado da atividade bancária como resíduo (doravante resíduo líquido - RES):

$$RES = ST - \text{Inadimplência} - \text{Despesas Estruturais} - \text{Impostos} \quad (3)$$

$$\text{Spread Total} = (RI - DIL + RS) / AT \quad (4)$$

$$\text{Inadimplência} = PCLD / AT \quad (5)$$

$$\text{Despesas Estruturais} = (DP + DA) / AT \quad (6)$$

¹⁰ O ativo operacional, utilizado no denominador de vários dos indicadores, é calculado como a diferença do ativo total pelo ativo permanente

$$\text{Impostos} = (\text{ID} + \text{IR} + \text{CS}) / \text{AT} \quad (7)$$

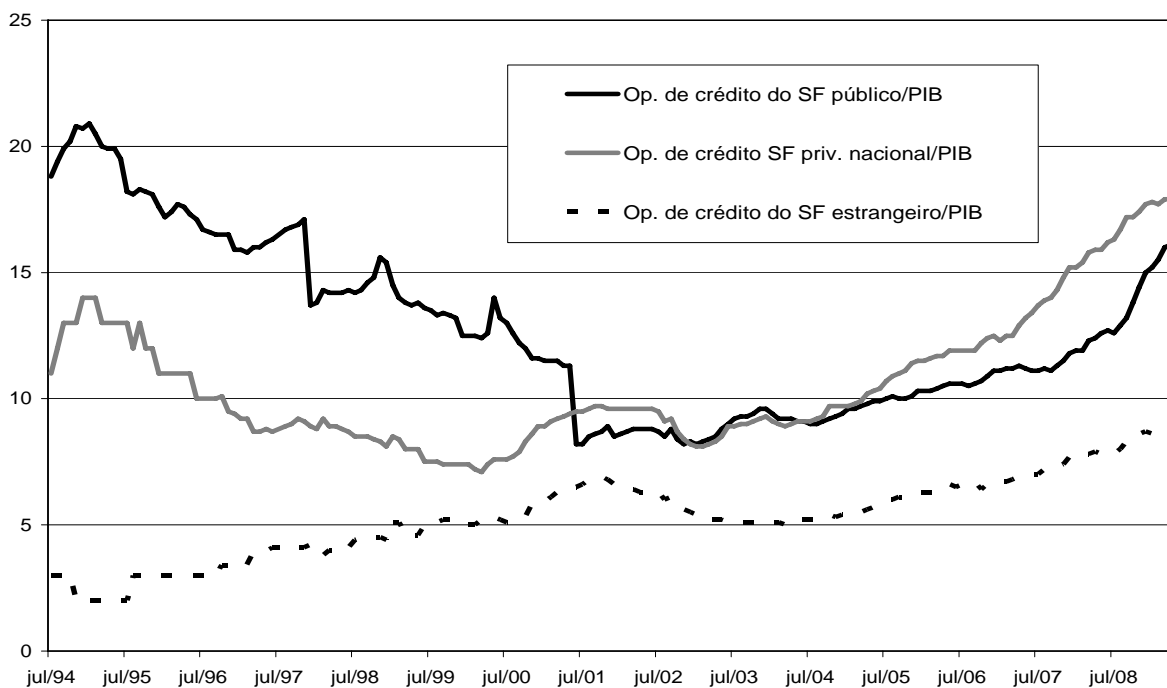
Nesse contexto, considerando as especificidades do setor bancário brasileiro e a maior utilidade analítica de uma medida de spread bancário mais abrangente, este estudo utilizará o método de decomposição de MATIAS (2006), em que é analisado o spread total (spread financeiro mais taxa de serviços), com conteúdo mais amplo das receitas bancárias. Assim, resulta a seguinte forma de decomposição do spread total (ST):

$$\text{ST} = \text{Inadimplência} + \text{Despesas Estruturais} + \text{Impostos} + \text{RES} \quad (8)$$

3.2. Definição da amostra

A presente investigação sobre o spread bancário ex-post por segmento do setor bancário utiliza dados contábeis das instituições bancárias em períodos anuais, de 2000 até 2008, extraindo dados do sítio do Banco Central do Brasil, no relatório “50 Maiores Bancos e o Consolidado do Sistema Financeiro Nacional”. O período analisado pode ser dividido dois subperíodos distintos: 2000-meados de 2003, período de forte instabilidade macroeconômica no Brasil, puxado pela forte queda no crédito do sistema financeiro público¹¹; a partir de meados de 2003, quando observa-se uma forte elevação na relação crédito/PIB nos três segmentos por propriedade de capital – privado nacional, público e estrangeiro – com crescimento maior do primeiro.

Gráfico 1 – Operações de crédito do sistema financeiro/PIB (%)



Fonte: Banco Central do Brasil

¹¹ Cabe destacar que no período vários bancos estaduais – inclusive Banerj e Banespa – foram comprados por bancos privados nacionais, o que explica em boa parte a queda maior do segmento dos bancos públicos.

Assim, na definição da amostra foi escolhido entre os 50 maiores bancos – no que o Banco Central denomina de Consolidado Bancário I (bancos comerciais e bancos múltiplos que tenham uma carteira comercial) - apenas aqueles que têm um perfil de banco mais voltado para a intermediação financeira (ainda que não exclusivamente), ou seja, cujas receitas com crédito são a mais importante receita do banco¹². A amostra utilizada neste trabalho corresponde em dezembro de 2007 a 85,9% do total de ativos do Consolidado bancário I¹². Foram escolhidos apenas os bancos que apareceram em pelo menos 6 anos no período 2000-2008. Como é um período em que ocorre fusões e aquisições bancárias, alguns bancos foram absorvidos por outros, como é o caso do BankBoston adquirido pelo Itaú em 2006 e o BMC adquirido pelo Bradesco em 2007. Ainda assim, tais bancos fazem parte da amostra se tiverem presença em pelo menos 6 períodos. A Tabela 4 apresenta a amostra utilizada, assim como algumas características de cada banco (número de funcionários, número de agências, total de ativos e market share do banco em termos de total de ativos).

Tabela 4 - Amostra de bancos utilizados na pesquisa empírica sobre decomposição de spread

Classe*	Bancos	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Total	Nº funci- onários (dez/07)	Nº agências (dez/07)	Total ativos (R\$ mil)	Market share (dez/07)
1.1	BB	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	104.545	4.117	403468	16,1
1.1	CEF	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	104.179	2.060	264393	10,5
1.2	ABN AMRO	1	1	1	1	1	1	1	1	1	8	33.949	1.148	164211	6,5
1.2	BANKBOSTON	1	1	1	1	1	1	1			6	-	-	-	-
1.2	CITIBANK	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	6.184	127	39413	1,6
1.2	HSBC	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	27.338	925	97489	3,9
1.2	SANTANDER	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	21.136	1.090	127288	5,1
1.3	BRADESCO	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	76.339	3.205	348350	13,9
1.3	ITAÚ	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	66.077	2.639	339594	13,5
1.3	UNIBANCO	1	1	1	1	1	1	1	1	1	8	26.492	947	169713	6,8
2	BANESTES	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	3.663	126	9.624	0,4
2	BANRISUL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	11.238	423	23.371	0,9
2	BASA	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	4.220	105	6.779	0,3
2	BESC		1	1	1	1	1	1	1	1	7	4.897	252	6.275	0,3
2	BNB	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	11.362	182	15.054	0,6
2	BRB		1	1	1	1	1	1	1	1	8	3.330	59	4.897	0,2
2	NOSSA CAIXA	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	15.583	560	54.011	2,2
3	ABC-BRASIL		1	1	1	1	1	1	1	1	8	449	4	6.310	0,3
3	BANCOOB				1	1	1	1	1	1	6	735	8	5.588	0,2
3	BIC	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	890	33	11.761	0,5
3	BMC	1	1	1	1	1	1	1			7	-	-	-	-
3	BMG			1	1	1	1	1	1	1	7	815	13	7.690	0,3
3	CRUZEIRO DO SUL				1	1	1	1	1	1	6	708	6	4.896	0,2
3	FIBRA	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	437	10	16.187	0,6
3	MERCANTIL BRASIL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	3.573	163	7.620	0,3
3	RABOBANK	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	308	13	6.240	0,2
3	RURAL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9	599	28	2.090	0,1
3	SOFISA			1	1	1	1	1	1	1	7	338	14	6.055	0,2
3	SS		1	1	1	1	1	1	1	1	8	74	1	6.905	0,3
	Total Global**	21	25	27	29	29	29	28	27	24	239			2508903	85,9

Fonte: Elaboração própria, com base em dados do BCB (2009).

Nota: (*) 1.1. Grandes bancos varejistas públicos; 1.2. Grandes bancos varejistas estrangeiros; 1.3. Grandes bancos varejistas privados nacionais; 2. Bancos de varejo públicos regionais; 3. Bancos especializados em crédito.

(**) Total de ativos refere-se ao total do Consolidado Bancário I (bancos comerciais e múltiplos)

¹² Deve-se ressaltar que na categoria Consolidado Bancário I há bancos com perfil mais de banco de investimento e de gestor de patrimônio, como BNP Paribas, Credit Suisse, Deutshe e UBS Pactual, que não foram considerados na amostra deste trabalho.

A amostra aqui tratada pode ser dividida em dois grandes grupos: bancos varejistas e bancos especializados em crédito (ou bancos de nicho)¹³. Os *bancos varejistas* – em geral de médio e grande porte - se caracterizam por ter um funding diversificado de recursos (depósitos a vista, depósitos de poupança, depósitos a prazo), atuação em diferentes modalidades de crédito (cheque especial, capital de giro, conta garantida, crédito ao consumidor, financiamento de veículos, etc.) e uma rede ampla de agências, que justamente dá capilaridade ao banco para captar depósitos de diferentes modalidades dos clientes (ver Tabela 5). Já os *bancos especializados em crédito* são em geral bancos de pequeno e médio porte, com uma funding menos diversificado de recursos (forte dependência de depósitos a prazo), especializados em poucas modalidades de crédito (em geral capital giro, consignado e/ou financiamento a veículos) e uma rede menor de agências¹⁴.

Tabela 5 - Depósitos bancários (% do total) – dezembro de 2008

Instituição	Depósitos à Vista	Depósitos de Poupança	Depósitos Interfinanceiros	Depósitos à Prazo	Outros Depósitos	Total dos depósitos
Grandes Bancos Varejistas	13,93%	24,33%	2,33%	56,17%	3,24%	100,00%
GBV – Públicos	14,35%	33,78%	3,22%	41,89%	6,75%	100,00%
GBV – Estrangeiros	12,00%	11,83%	3,11%	72,58%	0,48%	100,00%
GBV – Privados	14,44%	20,09%	0,93%	63,83%	0,70%	100,00%
Bancos Varej. Regionais Públicos	12,38%	29,15%	0,97%	55,41%	2,10%	100,00%
Bancos Especializados em Crédito	4,37%	2,88%	18,56%	74,12%	0,06%	100,00%
Total	13,98%	25,18%	2,32%	55,14%	3,38%	100,00%

Fonte: Elaboração própria, com base em dados do BCB (2009)

O grupo de bancos varejistas, por sua vez, é subdividido em *grandes bancos varejistas*, bancos de atuação geográfica nacional, com um volume de ativos de mais de R\$ 30 bilhões (dezembro de 2007) e que contam com uma clientela diversificada e um amplo espectro de serviços financeiros ofertados¹⁵, e *bancos varejistas regionais públicos*, em geral bancos de médio e pequeno porte, com perfil de atuação geográfica regional (normalmente bancos federais, como o BNB e BASA) ou estadual (os bancos estaduais que não foram vendidos¹⁶). Neste último grupo destoa a participação do Nossa Caixa, que com ativos de cerca de R\$ 54 bilhões e 560 agências (dezembro de 2007) é maior do que o Citibank e bem maior que seus congêneres bancos estaduais ou regionais. Como se sabe a Nossa

¹³ Paula e Faria Jr (2008), para analisar a evolução da eficiência técnica e de escala no setor bancário brasileiro, segmentam o setor bancário brasileiro da seguinte forma: grandes bancos varejistas, bancos varejistas regionais, bancos varejistas para alta renda, bancos atacadistas e bancos especializados em crédito.

¹⁴ A exceção em nossa amostra é o banco Mercantil do Brasil que tem 163 agências em 2007.

¹⁵ Os grandes bancos varejistas se caracterizam não somente pelo tamanho como também pela diversidade, buscando atender uma clientela diversificada (baixa, média e alta renda, e clientes corporativos), e ofertam em geral tanto produtos padronizados (depósitos e empréstimos) como customizados (estruturação de negócios, fundos de investimento diferenciados, etc.). Evidentemente neste grupo há bancos que formam amplos conglomerados financeiros – como Itaú, Bradesco e Santander – e outros não tão diversificados, como a CEF (que tem como principal fonte de captação de recursos, depósitos de poupança, e tradicionalmente atua ativamente no mercado de financiamento imobiliário). Para um aprofundamento sobre estrutura e padrões de competição no sistema bancário brasileiro, ver Carvalho (2007).

¹⁶ Em realidade, após a onda de fusões e aquisições bancárias que se iniciou em 1997 com a compra do Bamerindus pelo HSBC, que envolveu a aquisição de bancos estaduais e privados, praticamente inexistiu banco de varejo de médio porte que não seja público no Brasil.

Caixa, até então um banco estadual no estado mais desenvolvido no Brasil (São Paulo), foi adquirida em 2008 pelo Banco do Brasil.

Já o grupo de grandes bancos varejistas é subdividido por controle de capital em: *grandes bancos varejistas públicos* (Banco do Brasil e CEF), *grandes bancos varejistas estrangeiros* (Santander, ABN-Amro¹⁷, HSBC, Citibank e BankBoston) e *bancos varejistas privados nacionais* (Itaú, Bradesco e Unibanco¹⁸).

Em termos de market share (ativos bancários), os grandes bancos varejistas têm 77,9% de ativos do setor bancário (“Consolidado Bancário I”), enquanto os bancos de varejo regionais públicos e os bancos especializados de nossa amostra têm apenas 4,8% e 3,2% do total do ativo (dezembro de 2007), respectivamente. Quanto ao controle de capital, os grandes bancos varejistas privados têm 34,2% do total de ativos, enquanto que os grandes bancos varejistas públicos e os grandes bancos varejistas estrangeiros têm 26,6% e 17,1% do market share, respectivamente.

4. Decomposição do spread bancário ex-post no período 2000-2008

Os dados apresentados nesta seção referem ao spread bancário total ex-post, ou seja, este spread total é calculado para cada banco como a soma da taxa do spread financeiro e da taxa de serviços financeiros, conforme detalhado na metodologia.

4.1. Decomposição geral do spread bancário

Os dados apresentados na Tabela 6 correspondem ao agregado dos bancos da amostra utilizada neste estudo. Ou seja, o spread total e sua decomposição foram calculados com base na soma, em cada ano, dos valores dos respectivos ativos, despesas e receitas do conjunto de bancos da amostra. Assim, obtêm-se uma informação representativa da atuação deste conjunto de bancos no mercado.

Tabela 6 – Spread total e sua decomposição para os bancos da amostra

Dados	Spread Financeiro	Taxa de Serviços	Spread Total	Inadimplência	Despesas Estruturais	Impostos	Resíduo Líquido	Spread Total
2000	4,97%	2,57%	7,54%	13,30%	85,23%	8,04%	-6,57%	100,00%
2001	6,28%	1,32%	7,60%	12,12%	88,24%	9,42%	-9,78%	100,00%
2002	7,19%	1,26%	8,45%	8,63%	69,60%	11,65%	10,12%	100,00%
2003	7,57%	1,34%	8,91%	9,00%	67,10%	11,43%	12,47%	100,00%
2004	7,69%	1,46%	9,15%	7,75%	69,07%	13,68%	9,50%	100,00%
2005	8,38%	3,26%	11,63%	15,14%	51,83%	12,80%	20,23%	100,00%
2006	7,75%	3,04%	10,79%	17,89%	49,92%	9,17%	23,03%	100,00%
2007	6,61%	2,68%	9,28%	16,81%	51,38%	10,34%	21,48%	100,00%
2008	4,92%	1,88%	6,79%	25,88%	45,18%	-1,59%	30,53%	100,00%
Média*	6,82%	2,09%	8,91%	13,94%	63,09%	9,87%	13,11%	100,00%

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do BCB.

Nota (*): A média entre os períodos é uma média simples (todos os anos têm o mesmo peso).

¹⁷ O ABN-Amro é adquirido pelo Santander em 2007, passando a exercer seu controle societário em 2008.

¹⁸ O Unibanco funde-se com o Itaú em 2008.

Os resultados do spread total mostram uma tendência de ampliação de 2001 até 2005, assim como MATIAS (2006), que utiliza a mesma medida de spread ex-post e uma amostra menor de bancos. Este resultado, até 2005, apresenta diferenciação em relação a BCB (2007), que utiliza a medida de spread ex-ante, e mostra significativa oscilação neste período. A partir de 2005, observa-se uma redução gradual e consistente no spread total – de cerca de 11,6% em 2005 para cerca de 6,8% em 2008, acompanhando a redução na taxa básica de juros Selic e a maior expansão da oferta crédito, cujo crescimento se acelera a partir de 2005 (ver Gráfico 1). Cabe registrar que esta tendência recente de redução do spread financeiro, de 2005 a 2007, é mostrada no relatório mais recente do BCB (2007). Quando se considera o spread total (spread financeiro mais taxa de serviços), pode-se notar um crescimento maior a partir de 2005, em função do aumento nas receitas com tarifas e serviços dos bancos, em parte decorrente da maior diversificação dos negócios dos grandes bancos varejistas para além da pura intermediação financeira. Observa-se que a redução no spread a partir de 2006 foi acompanhada de um aumento no resíduo líquido, o que pode ser explicado por um conjunto de fatores: aumento na participação da taxa de serviços, diminuição nas despesas estruturais e queda nos impostos, em que pese o aumento recente do peso relativo da inadimplência na decomposição do spread (Tabela 6).

Em todo o período analisado, o maior componente do spread total é a taxa de despesas estruturais, entretanto, cabe ressaltar que esta apresentou uma significativa redução na sua importância relativa desde 2001 (88%) a 2007 (51%). Por sua vez, a taxa de inadimplência que era mais de 10% do spread total em 2000 e 2001, diminuiu a partir de então, voltando a crescer a partir de 2005, e desde então se mantendo com participação relativa superior a 15%. A participação do resíduo líquido, por seu turno, varia bastante no período, com destaque para o significativo e consistente aumento a partir de 2005, quando passa a níveis de participação superiores a 20% que vem mantendo o resíduo líquido como o segundo componente mais importante da decomposição do spread bancário no período recente.

Esses resultados assinalam que o ano de 2005, período mais recente analisado por estudos de decomposição do spread ex-post (MATIAS, 2006; FIPECAFI, 2004 e 2005), é o marco de diversas mudanças na destinação do spread bancário.

Os resultados após 2005 mostram continuidade da tendência mostrada por MATIAS (2006) até 2005, de: i) redução significativa da participação do maior componente, as despesas estruturais; ii) inconstante aumento no segundo maior componente, o resíduo líquido; iii) oscilação de nível do terceiro maior componente, a inadimplência. Este resultado é diferente da estimativa de decomposição do spread ex-ante da FIPECAFI (2004 e 2005), especificamente pelo fato de que esta última apresentava, para o primeiro semestre de 2005: a inadimplência como o segundo maior componente e o resíduo líquido como o menor componente.

Ao comparar os resultados encontrados com o relatório mais recente do BCB (2007) supracitado, observa-se que a diferença mais significativa é na ordem de importância dos componentes, visto que as estimativas deste último apontam a inadimplência como o componente mais importante (com tendência de crescimento desde 2001) e o custo administrativo como o terceiro maior componente (com significativa oscilação). Este fato possivelmente está relacionado com as diferenças entre as duas metodologias.

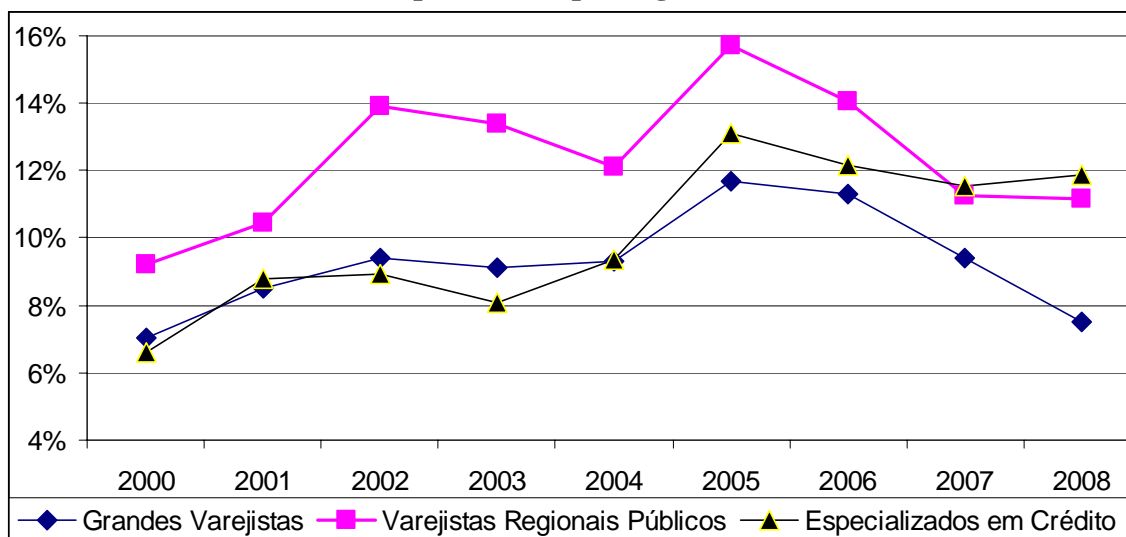
4.2. Evolução do spread bancário total por segmentos de bancos

Na análise do setor bancário por segmento, primeiramente analisamos a trajetória do spread bancário ao longo do período de análise. Os valores apresentados são a média ponderada na qual cada banco tem peso igual em cada período. Dessa forma temos uma medida comportamental de cada segmento do setor bancário – tal como definido anteriormente – em relação a sua política de juros.

No Gráfico 2 observamos que há uma tendência de redução do spread total a partir de 2005, mais acentuada para os grandes bancos varejistas, e em menor grau para os bancos varejistas regionais públicos e para os bancos especializados em crédito, sendo que estes últimos apresentaram um pequeno aumento em 2008. Cabe ressaltar que para todos os segmentos essa redução não resultou em patamares inferiores aos observados no início do período de análise.

O segmento que apresenta o menor spread total a partir de 2005 é o dos grandes bancos varejistas. Na maior parte do período, o maior spread total é do segmento bancos varejistas regionais públicos, sendo que estes são ultrapassados pelos bancos especializados em crédito nos dois últimos anos. Surpreende esse aumento no nível de spread total dos bancos especializados em crédito, uma vez que estes apresentaram o menor spread em alguns anos do início do período (2000, 2002 e 2003), quando tinham evolução do spread próxima a dos grandes bancos varejistas.

Gráfico 2 - Spread total por segmentos de bancos

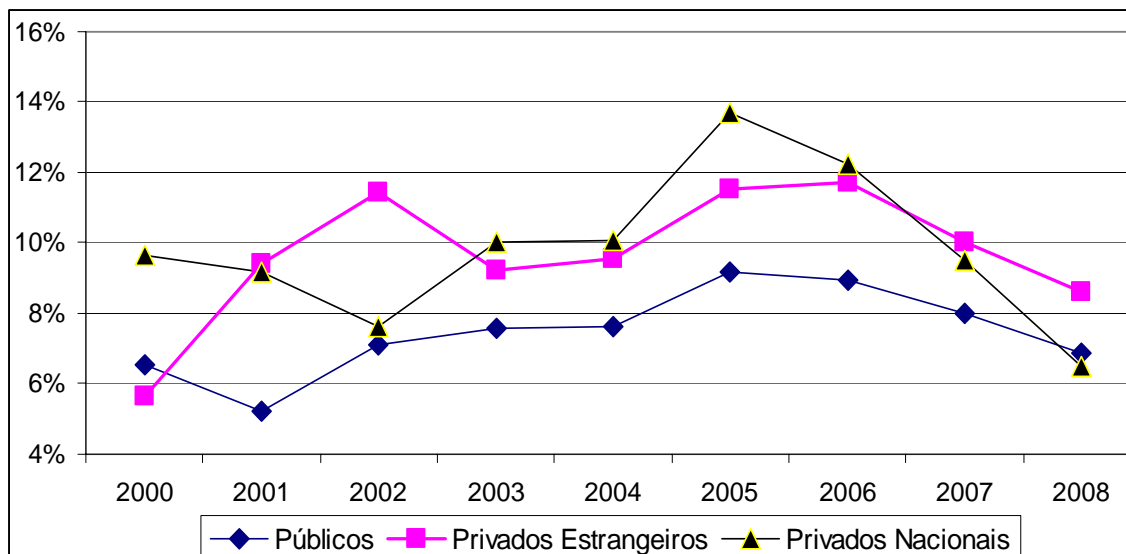


Fonte: Elaboração própria com base em BCB (2009)

No Gráfico 3 observamos que, dentre os grandes bancos varejistas, os bancos públicos são os que apresentam o menor spread total na maior parte do período, exceto no primeiro ano (2000) e no último ano (2008). Em 2000, e somente neste ano, os bancos estrangeiros apresentaram o menor nível de spread, sendo que nos períodos seguintes o ajustaram para níveis superiores, atingindo o maior nível de spread nos dois anos mais recentes (2007 e

2008). Os bancos privados nacionais, por sua vez, apresentaram uma trajetória de diminuição do spread a partir de 2005, atingindo em 2008 o menor spread total entre as três categorias. Este último resultado suscita a importância de uma investigação mais aprofundada.

Gráfico 3 - Spread total por grandes bancos varejistas



Fonte: Elaboração própria com base em BCB (2009).

4.3. Decomposição contábil do spread bancário total por segmentos de bancos

Podemos então passar para a observação da participação dos componentes do spread total. Os dados estão na Tabela 7 em anexo. Assim como o spread total, os dados são médias ponderadas onde cada banco tem peso igual dentro do seu segmento de forma a obtermos uma medida comportamental do segmento. A linha média desta tabela é a média do componente nos períodos observados, sendo que para esta média cada período tem peso igual independente de quantos bancos apareçam na amostra do segmento no respectivo período.

Os resultados confirmam algumas tendências observadas na decomposição do spread bancário para o conjunto de bancos da amostra. Observa-se que todos os segmentos, incluindo os três subsegmentos dos grandes bancos varejistas, apresentam redução da participação das despesas estruturais na composição do spread, que entretanto, continua tendo o maior peso relativo na decomposição contábil do spread em todos segmentos. A tendência de crescimento, a partir de 2005, da participação relativa do segundo maior componente, o resíduo líquido, é confirmada de forma clara para os Bancos Regionais Públicos e para os Bancos Especializados em Crédito. Para os Grandes Bancos Varejistas, este aumento de importância do resíduo líquido a partir de 2005 é observado de forma consistente somente no subsegmento dos bancos estrangeiros, enquanto apresenta oscilação no subsegmento dos bancos privados nacionais, com aumento relevante em 2008.

Entre os três grandes segmentos, observamos que os bancos varejistas regionais públicos apresentam a maior participação relativa das despesas estruturais, menor participação relativa da inadimplência e um forte aumento do resíduo líquido.

Ao observar os subsegmentos dos grandes bancos varejistas, observamos que os grandes bancos privados nacionais possuem, a partir de 2005, participação do resíduo líquido superior aos outros dois subsegmentos (públicos e estrangeiros) e aos outros dois segmentos (públicos regionais e especializados em crédito). Além disso, também depois de 2005, a participação do resíduo líquido nos grandes bancos estrangeiros, em relação aos grandes bancos públicos, algumas vezes é superior e outras vezes é inferior.

Desse modo, não houve necessariamente continuidade da tendência sugerida por GUIMARÃES (2002) de que entre 1995 e 2001 os bancos domésticos privados apresentaram maiores margens que os bancos estrangeiros, estes com margens superiores aos bancos domésticos públicos.

Os grandes bancos varejistas públicos – que apresentam na maior parte do período a menor taxa de spread total entre todos os segmentos - apresentam, em comparação com os dois outros segmentos de grandes bancos varejistas (privado nacional e estrangeiro), a maior participação relativa das despesas estruturais e, a partir de 2004, a menor participação relativa de inadimplência. No que se refere ao resíduo líquido, os grandes bancos públicos apresentam, a partir de 2004, participações menores do que os grandes bancos privados nacionais, mas nem sempre inferiores aos grandes bancos estrangeiros.

5. Conclusão

Este artigo avaliou a decomposição do spread bancário ex-post no Brasil, realizado utilizando o método de decomposição contábil, para avaliar e comparar o comportamento e estrutura do spread entre os diferentes segmentos do setor bancário brasileiro. Os resultados apresentados podem apontar algumas tendências recentes quanto a estrutura do spread no Brasil. No que se refere a tendência geral da trajetória do spread observa-se uma tendência a ampliação até 2005, em função do forte peso relativo das despesas estruturais e em menor grau dos impostos, reduzindo significativamente a partir de 2006. Esta redução é observada em todos os segmentos analisados neste trabalho, sendo mais acentuada no caso dos bancos varejistas regionais públicos e nos bancos privados nacionais. A redução no spread a partir de 2006 foi acompanhada de um aumento no resíduo líquido, que é o segundo maior componente do spread após as despesas estruturais, o que pode ser explicado por um conjunto de fatores: aumento na participação da taxa de serviços, diminuição nas despesas estruturais e queda nos impostos, em que pese o aumento do peso relativo da inadimplência na decomposição do spread. A participação da taxa de despesas estruturais no spread reduziu em todos os segmentos analisados no período (grandes bancos varejistas, bancos varejistas regionais públicos e bancos especializados em crédito), o que pode expressar em parte o fato de que a redução nos custos operacionais tem sido uma preocupação geral dos bancos, inclusive dos bancos públicos.

Entre os três grandes segmentos analisados, os bancos varejistas regionais públicos apresentam a maior participação relativa das despesas estruturais, menor participação

relativa da inadimplência e um forte aumento no peso relativo do resíduo líquido na decomposição do spread, o que poderia ser sinal de maior ineficiência dessas instituições em relação as demais. Contudo, Com isso, deve-se ressaltar que a atuação, em geral, dos bancos públicos em relação aos privados é mais diversificada e complexa do que a hipótese simplista de “mais despesas estruturais e de inadimplência e menores margens”, que poderia ser esboçada a partir dos dados de dezembro de 2002 mostrados por COSTA e NAKANE (2005a). Bancos regionais – como BNB e BASA – frequentemente operam com agências em municípios mais pobres que não são considerados rentáveis pelos grandes bancos, e administram fundos e programas (microcrédito no caso do BNB) de conteúdo social.

Para futuros estudos sobre spread, um caminho interessante de análise seria analisar os spreads dos bancos individualizados por segmento de crédito (cheque especial, crédito ao consumidor, capital de giro, etc.), uma vez que o spread médio não capta a diversificação do portfólio do banco, que poderia inclusive estar cobrando um spread ex-ante mais baixo do que os demais bancos, mas ter um spread ex-post maior em função de atuar em linhas de crédito mais rentável. Cabe ressaltar, contudo, que o BCB não disponibiliza os dados individualizados por bancos do spread ex-ante, sendo esses utilizados apenas por estudos feitos por técnicos do BCB, o que limita fortemente a ampliação do escopo de trabalhos acadêmicos. Esta é uma lacuna importante no que se refere a transparência de informações disponibilizadas pelo BCB junto ao público.

Referências Bibliográficas

BANCO CENTRAL DO BRASIL (1999). Relatório Juros e Spread Bancário no Brasil.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (2000). Relatório Juros e Spread Bancário no Brasil - Avaliação de 1 ano do projeto.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (2001). Relatório Juros e Spread Bancário no Brasil - Avaliação de 2 anos do projeto.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (2002). Relatório de Economia Bancária e Crédito - Avaliação de 3 anos do Projeto Juros e Spread Bancário.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (2003). Relatório de Economia Bancária e Crédito - Avaliação de 4 anos do Projeto Juros e Spread Bancário.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (2004). Relatório de Economia Bancária e Crédito - Avaliação de 5 anos do Projeto Juros e Spread Bancário.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (2005). Relatório de Economia Bancária e Crédito.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (2006). Relatório de Economia Bancária e Crédito.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (2007). Relatório de Economia Bancária e Crédito.

BARAJAS, A; STEINER, R.; SALAZAR, N. (1999). "Interest spreads in banking in Colombia, 1974-1996". *IMF Staff Papers*, n.46, pp.196-224.

BROCK, P. L.; ROJAS-SUAREZ, L. (2000). "Understanding the behavior of bank spreads in Latin America". *Journal of Development Economics*, n.63, pp.113-134.

BROCK, P.; FRANKEN, H. (2003). Measuring the determinants of average and marginal bank interest rate spreads in Chile, 1994-2001. Mimeo, Seattle: University of Washington.

CARVALHO, F.C. (2007). "Estrutura e padrões de competição no sistema bancário brasileiro: uma hipótese para investigação e alguma evidência preliminar". In Paula, L.F. e Oreiro, J.L. (org.). *Sistema Financeiro: Uma Análise do Setor Bancário Brasileiro*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier.

COSTA, A.C. (2004). "Ensaio em microeconomia bancária". Tese de doutorado em economia - Universidade de São Paulo. 200f. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12138/tde-23112004-110054/publico/EnsaioMicroBancariaACAC2004.pdf>. Acesso em 25/08/2006.

COSTA, A.C.; NAKANE, M. (2004). "A decomposição do spread bancário no Brasil". In: Banco Central do Brasil, "Economia Bancária e Crédito - Avaliação de 5 anos do projeto de Juros e Spread Bancário", III, pp. 17-30.

COSTA, A.C.; NAKANE, M. (2005a). "Revisiting the methodology for the bank interest spread decomposition in Brazil: An Application of the Theory of Cost Allocation", disponível <http://www.ibmecsp.edu.br/pesquisa/modules/papers.php?topicid=39&type>

COSTA, A.C.; NAKANE, M. (2005b). "Crédito direcionado e custo das operações de crédito livre: uma avaliação do subsídio cruzado do crédito imobiliário e rural no Brasil". Capítulo III do Relatório de Economia Bancária e Crédito, Banco Central do Brasil (2005). Disponível em <http://www.bcb.gov.br/?SPREAD>. Acesso em 20/08/2006.

DEMIRGÜÇ-KUNT, A.; HUIZINGA, H. (1999). "Determinants of commercial bank interest margins and profitability: some international evidence". *World Bank Economic Review*, n.13, pp.379-408.

DICK, A. (1999). "Banking Spreads in Central America: Evolution, Structure, and Behavior". *HIID Development Discussion Papers* (Cambridge: Harvard Institute for International Development).

DEMIRGÜÇ-KUNT, A.; LAEVEN, L.; LEVINE, R. (2004). "Regulations, market structure, institutions, and the cost of financial intermediation". *Journal of Money, Credit, and Banking*, vol. 36, n.3, pp.593-622.

FIPECAFI (2004). Relatório Final: Estudo sobre a estrutura da taxa de juros no Brasil, apuração do spread da indústria bancária. 61p.

- FIPECAFI (2005). Estudo sobre a apuração do spread da indústria bancária. 35p.
- GUIMARÃES, P. (2002). "How does foreign entry affect the domestic banking market? The Brazilian case". *Latin American Business Review*, v.3 (4), pp.121-140.
- LEVINE, R. (2004). "Finance and growth: theory and evidence". *NBER Working Paper* 10766 (Cambridge: National Bureau of Economic Research)
- LEAL, R.M. (2006). "Estrutura e determinantes do spread bancário no Brasil: uma resenha comparativa da literatura empírica". Dissertação de mestrado em economia – PPGCE/UERJ. 130p.
- LEAL, R.M. (2007). "Estrutura e determinantes do spread bancário no Brasil após 1994: uma análise da literatura empírica". In: Paula, L.F. e Oreiro, J.L. (Org). *Sistema Financeiro: Uma Análise do Setor Bancário Brasileiro*. Campus/Elsevier. Rio de Janeiro.
- MATIAS, A. B. (2006). "Condições estruturais do sistema bancário brasileiro: O Spread bancário brasileiro". *Estudos CODEMEC* n. 54.
- MATOS, O.C. de (2002). "Desenvolvimento do sistema financeiro e crescimento econômico no Brasil: evidências de causalidade". Brasília, *Trabalhos para Discussão do Banco Central do Brasil*, n. 49, setembro.
- NAKANE, M.; COSTA, A. (2005). "Spread bancário: os problemas da comparação internacional". *Risk Update*, ano 1, n.3, maio, pp. 9-14.
- PAULA, L.F.; LEAL, R.M. (2006). "Custo do crédito no Brasil: uma avaliação recente". *Indicadores econômicos FEE*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, pp.91-102.
- PAULA, L.F.; FARIA Jr, J.A. (2008). "Eficiência bancária e expansão do crédito no Brasil: uma avaliação recente". IPEA (org.), *Prêmio IPEA-Caixa 2007 – Monografias Premiadas*. Brasília: IPEA.
- SINGH, A.; BELAISCH, A.; COLLYNS, C.; DE MASI, P.; KRIEGER, R.; MEREDITH, G.; RENNHACK, R. (2005). "Stabilization and reform in Latin America: A macroeconomic perspective on the experience since the early 1990s." *IMF Occasional Paper* n. 238, February.
- WB; IMF (2005). "Indicators of Financial Structure, Development, and Soundness". In: *Financial sector Assessment: a handbook*, World Bank, IMF, Ch.2, pp. 15-33.

Tabela 7 – Decomposição contábil do spread bancário total por segmentos de bancos

	Grandes Bancos Varejistas					Bancos Varejistas Regionais Públicos					Bancos Especializados em Crédito				
	Taxa de Inadimplência	Taxa de Despesas Estruturais	Taxa de impostos	Resíduo Líquido	Spread Total	Taxa de Inadimplência	Taxa de Despesas Estruturais	Taxa de impostos	Resíduo Líquido	Spread Total	Taxa de Inadimplência	Taxa de Despesas Estruturais	Taxa de impostos	Resíduo Líquido	Spread Total
2000	12,77%	91,73%	9,86%	-14,36%	100,00%	30,34%	84,01%	10,48%	-24,84%	100,00%	6,98%	60,69%	13,14%	19,18%	100,00%
2001	9,78%	80,48%	8,65%	1,08%	100,00%	3,22%	98,03%	15,13%	-16,39%	100,00%	9,60%	60,90%	10,33%	19,17%	100,00%
2002	7,64%	65,73%	12,58%	14,05%	100,00%	4,37%	88,77%	15,01%	-8,15%	100,00%	9,25%	60,72%	9,91%	20,12%	100,00%
2003	8,85%	70,13%	9,56%	11,46%	100,00%	5,84%	72,59%	11,83%	9,73%	100,00%	8,85%	58,33%	13,33%	19,49%	100,00%
2004	6,95%	72,91%	14,16%	5,99%	100,00%	2,73%	81,18%	16,32%	-0,23%	100,00%	8,13%	57,81%	13,82%	20,24%	100,00%
2005	15,11%	54,17%	11,79%	18,93%	100,00%	10,74%	63,27%	11,04%	14,95%	100,00%	23,56%	56,01%	9,82%	10,61%	100,00%
2006	18,23%	50,14%	10,59%	21,04%	100,00%	7,55%	62,45%	9,64%	20,36%	100,00%	20,80%	55,53%	10,15%	13,52%	100,00%
2007	17,94%	50,41%	11,11%	20,54%	100,00%	7,13%	61,60%	5,43%	25,84%	100,00%	13,76%	57,31%	15,27%	13,66%	100,00%
2008	25,04%	44,88%	4,57%	25,51%	100,00%	7,42%	56,21%	7,55%	28,82%	100,00%	26,46%	37,66%	8,16%	27,72%	100,00%
MÉDIA	13,59%	64,51%	10,32%	11,58%	100,00%	8,82%	74,23%	11,38%	5,57%	100,00%	14,15%	56,11%	11,55%	18,19%	100,00%

	GBV - Públicos					GBV - Estrangeiros					GBV – Privados Nacionais				
	Taxa de Inadimplência	Taxa de Despesas Estruturais	Taxa de impostos	Resíduo Líquido	Spread Total	Taxa de Inadimplência	Taxa de Despesas Estruturais	Taxa de impostos	Resíduo Líquido	Spread Total	Taxa de Inadimplência	Taxa de Despesas Estruturais	Taxa de impostos	Resíduo Líquido	Spread Total
2000	9,60%	90,58%	7,56%	-7,75%	100,00%	11,97%	112,34%	16,16%	-40,47%	100,00%	14,98%	72,14%	4,73%	8,16%	100,00%
2001	32,40%	122,79%	9,97%	-65,16%	100,00%	5,39%	72,19%	9,12%	13,31%	100,00%	8,74%	78,67%	7,37%	5,22%	100,00%
2002	5,73%	75,17%	12,86%	6,23%	100,00%	5,24%	58,86%	15,97%	19,93%	100,00%	14,81%	76,99%	3,97%	4,22%	100,00%
2003	7,30%	67,37%	14,52%	10,81%	100,00%	7,59%	75,02%	8,44%	8,95%	100,00%	11,58%	64,03%	8,77%	15,62%	100,00%
2004	8,69%	74,41%	11,76%	5,14%	100,00%	6,20%	79,12%	15,99%	-1,31%	100,00%	7,24%	62,33%	12,47%	17,96%	100,00%
2005	14,76%	57,44%	14,39%	13,41%	100,00%	14,80%	60,55%	10,25%	14,40%	100,00%	15,70%	43,78%	12,78%	27,74%	100,00%
2006	16,78%	55,36%	6,13%	21,73%	100,00%	18,15%	52,42%	12,88%	16,56%	100,00%	19,04%	44,69%	9,84%	26,43%	100,00%
2007	15,00%	58,38%	7,26%	19,36%	100,00%	18,98%	49,85%	12,88%	18,29%	100,00%	18,12%	46,74%	10,79%	24,35%	100,00%
2008	19,27%	56,86%	5,51%	18,37%	100,00%	25,04%	38,00%	12,67%	24,28%	100,00%	31,15%	45,89%	-12,55%	35,51%	100,00%
MÉDIA	14,39%	73,15%	10,00%	2,46%	100,00%	12,60%	66,48%	12,71%	8,22%	100,00%	15,71%	59,47%	6,46%	18,36%	100,00%

Fonte : Elaboração própria com base em BCB (2009)